
Canibalismo e literatura: a necropolítica e a violência como crítica social em *Jantar Secreto*

Stefan Willian Oliveira da Silva¹
João Barreto²

Resumo: Este artigo compreende o estudo do livro *Jantar Secreto* (2016), de Raphael Montes, que tem como temática central o canibalismo. Buscou-se estabelecer uma relação entre o livro de Montes e o conceito de necropolítica, desenvolvido por Achille Mbembe, no sentido de ressaltar uma metáfora social da higienização, associada à ideia de necropolítica e violência. A necessária distinção entre os termos canibalismo e antropofagia também foi desenvolvida. Assim, foi possível contextualizar a obra de Montes como representativa da realidade pós-moderna, retratada em seus aspectos mais sombrios, através dos recursos narrativos hiperbólicos.

Palavras-chave: Literatura; Canibalismo; Crítica social; Violência; Necropolítica.

Abstract: This article comprises the study of the book *Jantar Secreto* (2016), by Raphael Montes, which has cannibalism as its central theme. We sought to establish a relationship between Montes' book and the concept of necropolitics, developed by Achille Mbembe, in the sense of highlighting a social metaphor of hygiene, associated with the idea of necropolitics and violence. The necessary distinction between the terms cannibalism and anthropophagy was also developed. Thus, it was possible to contextualize Montes' work as representative of postmodern reality, portrayed in its darkest aspects, through hyperbolic narrative resources.

Keywords: Literature; Cannibalism; Social criticism; Violence; Necropolitics.

1 Professor da Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC. E-mail: swmidiadigital@gmail.com

2 Professor da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), na graduação em Comunicação Social e no Mestrado em Letras. E-mail: jombarreto@gmail.com

INTRODUÇÃO

O sombrio cotidiano carioca está presente no livro *Jantar Secreto* (2016), de Raphael Montes, que aborda, por meio de recursos da literatura policial, temas polêmicos, como violência urbana, relativização dos valores e canibalismo. Existe, em *Jantar Secreto*, uma trama sobre os limites éticos, pois trata da vida de quatro jovens que, em meio a dificuldades financeiras e a questionamentos existenciais, decidem promover jantares secretos para a elite carioca, cujo cardápio principal é a carne humana. A cidade do Rio de Janeiro é tradicionalmente atrativa apresentada como atrativa para quem tem dinheiro, mas não é todo mundo que tem acesso aos seus prazeres, sobrando aos menos abastados uma luta constante pela sobrevivência. Estabelece-se assim dentro da cidade o que Zuenir Ventura chamou de *Cidade Partida*, de 1994.

Nessa fragmentação contemporânea, o que começa como uma brincadeira assume proporções inimagináveis. A reflexão reside numa trama hiperbólica, misto de fábula sobre a violência e retrato de uma juventude sem rumo, disposta a tudo para conseguir dinheiro.

Raphael Montes nasceu em 1990, no Rio de Janeiro e, desde seu primeiro romance, *Suicidas* (2012), demonstrou domínio da literatura criminal, inspirando-se na tradição que vai de Edgar Allan Poe a Rubem Fonseca, centrando o seu foco em personagens do Rio de Janeiro, que lidam com problemas reais, como o desemprego, dívidas acumuladas e condições sociais precarizadas. *Suicidas* foi um dos finalistas do Prêmio Biblioteca Nacional, na categoria Machado de Assis. O sucesso chamou a atenção da editora Companhia das Letras e, em seguida, foram publicados *Dias Perfeitos*, *O Vilarejo*, *Jantar Secreto* e *Uma mulher no escuro*. Com o sucesso de crítica, seus livros tiveram os direitos vendidos para o cinema e foram traduzidos para 22 países. O renomado autor de romances policiais Scott Turow declarou, em 2014, em uma reportagem da *Folha de São Paulo*³, que Montes “certamente iria redefinir a literatura policial brasileira e surgir como uma figura da cena literária mundial”. É o que está acontecendo, pois, atualmente, Montes roteiriza uma série da *Netflix*, chamada *Bom dia, Verônica*, adaptação de seu livro com Ilana Casoy, além do filme *A menina que matou os pais*, sobre Suzana Von Richthofen.

Neste estudo, o objeto da análise será o livro *Jantar Secreto* (2016). É válido ressaltar que se trata de uma ficção, um território híbrido, em que a realidade, a imaginação e a invenção estão presentes.

A obra de Montes, repleta de incidentes violentos e dramas familiares traumáticos, apresenta reviravoltas que desencadeiam reflexões sobre a organização social e o destino do ser humano diante de uma configuração estabelecida pela concorrência e pela sobrevivência, marcada por um estado frágil, que produz precarização e relativiza valores morais que antes eram sólidos. O Estado ao se eximir da elaboração de políticas públicas deixa à mingua setores tradicionalmente abandonados, sobre os quais recai toda o tipo de violência, com destaque para aquela que tem no corpo o seu principal alvo. Há, como isso, um tipo de seleção, que ganha a aparência de natural, daqueles que vão morrer. Nesse sentido, pode-se pensar no conceito de necropolítica, de Achille Mbembe.

3 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/158619-prodigio-do-crime.shtml>. Acesso em 10 de março 2021.

Montes quer chocar e a maneira encontrada é por meio do canibalismo, mostrando atitudes perversas do ser humano, como a venda de órgãos no submundo e crimes hediondos.

1 A NECROPOLÍTICA E A VIOLÊNCIA EM *JANTAR SECRETO*

Jantar Secreto começa com um grupo de estudantes em dificuldades financeiras, nada destoante em relação ao contexto nacional. No ímpeto de sanarem as dívidas, discutem maneiras de solucionar a questão. Hugo, que é formado em gastronomia, dá a ideia de participarem de um site, o *jantarsecreto.com*, que faz a ponte entre pessoas dispostas a comerem na casa de alguém desconhecido, numa espécie de “aventura gastronômica”. No dia seguinte, Leitão revela que fez um post na internet; porém, em vez de postar o cardápio feito por Hugo, ele posta que o jantar terá, em seu menu, carne humana, para espanto dos demais estudantes.

Pouco tempo depois, o grupo é surpreendido pelo grande interesse de pessoas ricas em participar do seletor jantar, dispostas a pagar caro pela experiência de comerem a iguaria incomum. A exorbitante dívida do aluguel é o motor que impulsiona a equipe a cometer o primeiro crime. No início, ocorre uma discussão moral, em que o livro *O caso dos exploradores de caverna*, de Lon L. Fuller, é citado como referência de canibalismo.

O debate resulta em um acordo, sobre a realização do jantar para pagar a dívida. Com o sucesso do evento, o negócio ganha força. A partir daí, a frenética trama inclui assassinatos, no intuito de se obter a “matéria-prima” para os jantares. A obra, enfim, culmina em uma metáfora social sobre a necropolítica e a conduta higienista da elite, aliada a um Estado que seleciona suas “vítimas” dentre aqueles que são os pobres, periféricos, indivíduos que não servem à sociedade do ponto de vista neoliberal.

No capítulo *O Inferno de Dante*, Montes (2016) aborda a venda de órgãos no mercado clandestino. Há, inclusive, uma tabela com valores de fígado, coração, pulmões, rins e até mesmo pele, comercializada por pologada. Nesse capítulo, que é um dos mais impactantes, por sua violência desmedida e minuciosamente descrita, mostrando humilhação, tortura, degradação e morte, o personagem Umberto revela que o “negócio” Carne de Gaiyota (expressão a ser explicada mais adiante) engloba também outros nichos além do canibalismo, como o comércio de órgãos. Essa organização, composta inicialmente por estudantes endividados, obtém apoio de Umberto, descrito como um playboy carioca, famoso pelas gandaias nos anos 1970, e de pessoas ricas, que, de forma anônima, contribuem financeiramente e escolhem indivíduos entre a população minorizada e subalternizada, que acabam mortos pelos canibais e mercadores de órgãos, resultando num tipo de necropolítica. Até o Estado se envolve na matança. Mbembe (2019, p. 15), pensando em Bataille, argumenta que “o mundo da soberania é onde o limite da morte foi abandonado”.

Para tanto, o racismo ocupa função de destaque, uma vez que a quadrilha abate, preferencialmente, presas cujos corpos ninguém vai reclamar, pessoas que a economia não vai recuperar e são, em sua maioria, negros ou quase “pretos de tão pobres”, como na música *Haiti*, de Caetano Veloso.

A ida de Dante ao matadouro de humanos é descrita por Umberto com entusiasmo, de modo semelhante a uma visita ao *Parque dos Dinossauros*, em uma possível alusão ao filme de Steven Spielberg, em que algo espetacular desperta o fascínio dos personagens, embora subverta totalmente os pactos sociais de convivência em sociedade.

No trecho que evidencia essa visita ao frigorífico, Umberto refere-se às pessoas que estão presas nas gaiolas como “gaivotas”. Logo no início do livro *Jantar Secreto*, no capítulo *O enigma da carne de gaivota*, Dante narra uma história sobre a origem do termo, abordado por um professor de faculdade. “Um sujeito estava andando pela rua quando deparou com um restaurante que vendia carne de gaivota. Pediu a carne, comeu, foi para casa e se matou. Por quê?” (MONTES, 2016, p.12).

Esse enigma é desvendado por Dante, ao revelar que o indivíduo era viúvo e que sua esposa tinha morrido num acidente de avião em que ele também estava. Na tragédia, os sobreviventes ficaram numa ilha deserta, sem comida, e o corpo da mulher desaparecera na queda. Os companheiros de infortúnio ofereceram carne de gaivota ao homem, que comeu e gostou, sobrevivendo até o resgate graças ao alimento. Por isso, havia decidido comer novamente a iguaria, no restaurante. Ao pedir o prato, ele percebeu que o sabor era diferente do que havia comido anos antes, deduzindo que, na ilha, não se tratava de carne de gaivota, mas, de carne da própria mulher. Dante revela que seu fascínio pela história não veio do fato do homem ter comido a carne da própria mulher, mas, do fato dele ter gostado da carne. Comer esse tipo de carne é decorrência de um gesto extremo, uma violência submersa.

Em *Jantar Secreto*, essa máfia aliada à polícia do Rio de Janeiro (Estado) escolhe os pobres, os negros e os marginalizados como “matéria-prima” de um “negócio bem-sucedido”. Raphael Montes inseriu a polícia do Estado do Rio de Janeiro como cúmplice dos assassinatos cometidos pela Carne de Gaivota. Na trama, os policiais são coautores dos assassinatos de marginalizados e subalternizados, pois os capturam e entregam para Umberto e seu grupo. Em uma das passagens do livro, o personagem Dante chama Umberto de fascista, quando ele revela que comete assassinatos, pois os jantares de carne humana passaram a seguir um ritmo industrial.

“O negócio cresceu, não consigo controlar”, ele disse, como se cuspiasse as palavras. “Estamos em um ritmo de produção industrial, atuamos em vários nichos, não só nos jantares.”

“Só cumpro ordens, Dante. Vai dizer que acreditou nessa história de crematório? Acha mesmo que assim daríamos conta de três jantares por semana? É como pensar que bois de propriedades familiares vão sustentar o consumo mundial! A gente precisa da indústria.”

“Vocês estão matando pessoas? Fala, fala logo, seu fascista! Ou acabo com você aqui mesmo. Não tô nem aí se vou ser preso.”

(MONTES, 2016, p.236)

Arendt (1987) constatou, no julgamento de Adolf Eichmann, que existia um novo tipo de criminoso, um *hosti humani generis* (inimigo do gênero humano), participante de uma nova ordem criminal: assassinatos em larga escala num sistema totalitário. Esse tipo de criminoso pode ser compreendido através do profissional burocrata. “Para um burocrata a função que lhe é própria não é a de responsabilidade, mas sim a de execução”, (CORREIA, 2004, p. 93).

De acordo com Foucault (apud Mbembe 2018, p.19), “o estado nazista foi o mais completo exemplo de um estado exercendo o direito de matar. Eles tornaram a gestão, a proteção e o cultivo de vida coextensivos ao direito soberano de matar”. Todo Estado mata. Estado é violência. Há várias maneiras de tornar a morte legal. Os casos mais explícitos são a legítima defesa e a pena de morte, nas quais o Estado torna legítimo o poder de assassinar.

Além da violência que caminha lado a lado com discursos extremos, somados ao apoio de líderes religiosos, no século XXI o conceito de necropolítica vem associado ao conceito de necroeconomia. Isso ficou evidenciado no Brasil, com a pandemia da Covid-19, em que muitos empresários minimizaram as mortes causadas pelo vírus, defendendo a economia. “Uma das funções do capitalismo atual é produzir em grande escala uma população supérflua. Uma maneira de gerir esses excedentes de população é sua exposição a todo tipo de perigos e riscos”. (MBEMBE, 2019, p.10)

Da mesma forma que nos impressionamos com a narrativa de Raphael Montes, principalmente no capítulo *O Inferno de Dante*, em que órgãos de segurança pública fazem parte de uma política capitalista de extermínio das classes populares, para manter a “Carne de Gaivota”, é possível se espantar com ações de governos que promovem a necropolítica.

Os estudos sobre necropolítica (2011), de Achille Mbembe, e a subcidadania, temas nas pesquisas de Jessé Souza, permitem uma discussão sobre o assassinato provocado por políticas excludentes, que geram movimentos de subalternização e vulnerabilização, assim como um discurso que pode naturalizar o pensamento totalitário e a violência em relação aos excluídos.

Segundo Mbembe (2016), o principal choque do século XXI **será** entre a democracia liberal e o capitalismo neoliberal, entre o governo das finanças e o governo do povo, entre o humanismo e o niilismo. A crescente bifurcação entre a democracia e o capital é a nova ameaça para a civilização. Segundo o autor, as desigualdades continuarão a crescer em todo o **mundo**. Mas, longe de alimentar um ciclo renovado de lutas de classes, os conflitos sociais tomarão cada vez mais a forma de racismo, ultranacionalismo, **sexismo**, rivalidades étnicas e religiosas, xenofobia, homofobia e outras paixões mortais.

No trecho em destaque do capítulo *Inferno de Dante*, de *Jantar Secreto*, Umberto se dirige a Dante, demonstrando o quanto a elite despreza as populações marginalizadas, referindo-se a elas como escória. Ele incorpora o autêntico empresário neoliberal, atento às exigências do mercado e alheio aos que são impactados por ela.

Realizamos eventos pra clientes de confiança e fornecemos *blends* de cortes especiais que são entregues em domicílio por todo o país e até no exterior. Matéria-prima gratuita, escória do mundo, quase ninguém sente falta dessas gaivotas. Cá entre nós, uma vida excruciante é pior do que uma morte excruciante. (MONTES, p.254, 2016)

Montes apresenta, em sua ficção, uma metáfora que culmina nessa forma higienista e desumana, de retirar os pobres do convívio social. Segundo Souza (2017, p.67), “o ódio ao pobre hoje em dia é a continuação do ódio devotado ao escravo de antes”. No trecho selecionado, uma mulher negra sofre nas mãos de Umberto e seus comparsas. Dante é obrigado a escolher uma vítima que será morta como um animal no abate:

Ele fez sinal para que um dos homens arrastasse o corpo desmaiado da negra até nossos pés e chutou a cabeça dela como se fosse uma bola de futebol.

- Escolhe!

(MONTES, 2016, p. 252)

Segundo Mbembe (2018), o conceito de biopoder, desenvolvido por Michel Foucault, refere-se a pessoas que devem viver e a pessoas que devem morrer. Com base nessa lógica, a população, em vários governos, passou a ser distribuída em grupos, o que Foucault rotulou como racismo. De acordo com o autor camaronês, na economia do biopoder, o racismo teve como função “regular a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado” (MBEMBE, 2018, p.18).

Na seguinte passagem de *Jantar Secreto*, é possível entender como Montes introduz a questão relativa ao sistema de produção, através do personagem Dante. Na visão do rapaz, o matadouro, no qual os humanos marginalizados eram assassinados, seria um microcosmo, uma reprodução de nosso sistema. Aqui é onde o romance mais se aproxima da necroeconomia:

Detive-me nas máquinas, no baile das correntes metálicas pelo ar, erguendo corpos pelos ganchos. Não era difícil esquecer todo o horror e ficar fascinado com a tecnologia tão eficiente que retirava daqueles seres toda a sua humanidade para transformá-los em objetos na linha de produção. (MONTES, 2016, p.254)

Montes insere em seu livro a apropriação de instituições estatais para interesses particulares, direcionando a questão para a polícia. No romance, criminosos utilizam a farda para autuar, prender e matar pessoas. Agredidas ou quase mortas, as vítimas são enviadas para o matadouro de humanos:

Ao erguer a vista, não pude conter a surpresa: estávamos parados em um posto da polícia rodoviária no que parecia ser uma rodovia com movimento, cercado por árvores e arbustos. Havia um pequeno engarrafamento onde agentes rodoviários vestindo coletes selecionavam carros para fiscalizar no acostamento, atrás de uma barreira de cones laranja. (MONTES, 2016, p. 239-240)

Esse trecho da ficção de Montes, que destaca o envolvimento estatal em prol de interesses particulares, é também uma metáfora que reforça uma tendência ao patrimonialis-

mo. Segundo Souza (2017), o patrimonialismo tende a atender a verdadeira elite do dinheiro, que manda no mercado e permanece invisível.

E isso reforça cada vez mais a necropolítica, em que pobres e marginalizados são retirados dos espaços pela soberania. Mbembe (2018) diz que o espaço é a matéria-prima da soberania e da violência. A demarcação e o controle físico e geográfico das cidades podem ser chamados de “ocupação colonial”, na qual os colonizados são relegados para uma terceira zona ou mortos. É o que acontece nas favelas e em terrenos escolhidos para sediar grandes empreendimentos.

Em uma passagem de *Jantar Secreto*, os policiais cantam, enquanto Umberto força Dante a matar uma mulher capturada. É mais uma estratégia narrativa de Montes, utilizada para mostrar o menosprezo do Estado pelos que estão à margem da sociedade:

- E ela?

- Atira, Dante, Umberto disse. “É a gaiivota escolhida.”

- Você tá maluco? Não vou atirar nessa mulher,

- Gaiivota... gaiivotinha, os policiais cantavam, em tom provocativo.

- Chutaram a barriga, as pernas e a cabeça da mulher, arrancaram sua roupa imunda de terra, deixando-a nua, coberta de sangue, castigada pela luz intensa do sol. Antunes me colocou em sua mira, mas Umberto fez sinal para que ele abaixasse a arma. (MONTES, 2016, p.246)

Segundo Judith Butler, a desqualificação na vida ocorre depois que há uma desqualificação na linguagem e uma desumanização, a partir da figura do rosto. “Aqueles que não têm oportunidade de representar a si mesmos correm grande risco de serem tratados como menos que humanos, ou, de fato, nem serem mesmo vistos”. (BUTLER, 2011, p.24)

Um discurso sobre a desumanização produz um comportamento estruturado pelo discurso, incluindo a tortura e a morte. “A desumanização surge no limite da vida discursiva – limites estabelecidos por meio de proibições e repressões”. (BUTLER, 2009, p.63).

Segundo Santos (2010), é importante atentar-se para a fronteira verdade/ficção, pois através de recursos literários ficam subentendidas as intenções do narrador. Após se depararem com uma possibilidade real de fazer dinheiro, os personagens de Montes seguem com um projeto de poder corrompido pelo capital.

Han (2017) ressalta que a violência estrutural, assim como a violência simbólica de Bordieau, necessita da relação de dominação e hierarquia de classe, em que as classes dominantes exercem poderes de exploração sobre as dominadas. Ocorre um tipo de exploração que transforma a violência simbólico-estrutural, que é uma modalidade que serve do automatismo do costume, que é inscrito nos modelos de percepção e de comportamento e se torna hábito.

As estruturas edificadas e implícitas no sistema social fazem com que persistam os estados de injustiça; estabelecem e descrevem as relações de poder desiguais, sem se revelarem como tais. Em virtude de sua invisibilidade, as vítimas da violência não têm consciência direta do contexto de domínio. E isso é que caracteriza sua eficiência. (HAN, 2017, p.65)

No século XIX, desde o primeiro conto policial escrito por Edgar Allan Poe, *Os crimes da Rua Morgue* (1841), os escritores pensavam a figura do detetive como um agente que iria resolver as contravenções ou crimes bárbaros. Ele era uma figura aliada da segurança pública. Em *Jantar Secreto*, a polícia passa a não garantir a incolumidade das pessoas. Aliam-se a uma elite predatória, que enxerga, como banais, as vidas de indivíduos que não pertencem a uma classe de poder.

Souza (2009) nomeia essa classe, que sofre com a desigualdade, de ralé brasileira, e reafirma a existência de um assassinato indiscriminado dos pobres no Brasil, diferentemente da classe média. São cerca de 60 mil pobres assassinados por ano⁴ no país, e boa parte pela polícia.

“Casal de gaivotas em potencial”, ele disse.

Olhei o jovem do vectra sentado numa cadeira na outra sala.

“Estão indo pra onde?”, Antunes perguntou.

“Ilha Grande”.

“Ótimo, se sumirem, vão achar que foi na ilha. Tá esperando o quê?...”

...Antunes seguiu até a porta e olhou para fora, onde Amóz e outros dois policiais abordavam um casal em um Corsa 1997 vermelho.

“Outro casal de gaivotas que vai curtir férias em Ilha Grande. Mas, esses são pretos, estão num corsa e, considerando o que estavam escutando no rádio, são dois fodidos. Ninguém vai sentir falta”. (MONTES, 2016, p.242-243)

Ao apresentar o conceito de necropoder na obra sobre Necropolítica, Mbembe (2018, p.135) afirma que “a soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é descartável e quem não é”. Nesse trecho da abordagem policial, é exatamente o que ocorre.

Para Foucault (1978), o poder exercido em todas as instâncias sociais, inclusive na base, não é constituído pela ideologia e, sim, por instrumentos reais de formação e acumulação do saber, como: métodos de observação, técnicas de registro, procedimentos de inquê-

⁴ Disponível em <http://www.agenciadenoticias.uniceub.br/?p=16250>. Acesso em 10 de março de 2021.

rito, aparelhos de verificação, dominação, operadores materiais e pelo uso e as conexões da sujeição (submissão) pelos sistemas locais e dispositivos estratégicos. Ele se coloca fora do campo delimitado pela soberania jurídica e pela instituição estatal, para analisar a partir das táticas de dominação.

Na ótica de Foucault, o poder é analisado como algo que circula em cadeia. No caso do livro *Jantar Secreto*, o poder se exerce em uma rede e a polícia funciona como um dispositivo estratégico, para manter ativo um negócio burguês e capitalista, denominado Carne de Gaivota. A gastronomia surge como um elemento de requinte. As pessoas comuns saciam a fome. As pessoas ditas “sofisticadas” têm tempo e dinheiro para investir na transformação da necessidade em um desejo. E o desejo é a eliminação dos sujeitos que não existem socialmente.

Segundo Souza (2017), a elite e a classe média são consideradas “classes do privilégio”. A elite do dinheiro tende a perceber seu privilégio como decorrente de uma superioridade inata, que tem ligação com a herança de sangue, que implica o desfrute da riqueza e expansão do patrimônio. Já a classe média tende a imitar a elite endinheirada, pois possui o capital cultural valorizado, que tanto o mercado quanto o Estado irão necessitar para se reproduzir.

Em sua obra, Montes expõe essas características excêntricas das classes do privilégio, principalmente nos capítulos *O jantar está servido* e *Canibalismo Gourmet*. É nessas passagens que se encontram pessoas socialmente privilegiadas, que querem provar do inusitado, daquilo que está distante da maioria.

Os personagens presentes nos jantares do livro de Raphael Montes são indivíduos de alto poder aquisitivo, em busca de novidades, movidos pelo tédio dos bem-nascidos. Pessoas ricas, como Cecília Couto, advogada que viaja semestralmente para Paris; Humberto Marcondes de Machado, playboy carioca dos anos 1970; Albertina Terranova, socialite conhecida pelos gastos extravagantes; Ataíde Agustin, deputado federal corrupto, entre outros.

O diálogo a seguir, que retrata a recepção dos clientes, feita por Dante, para o primeiro jantar servido pela equipe Carne de Gaivota, mostra esse fascínio dos personagens, mesclado à curiosidade de quem pagou caro para comer carne humana pela primeira vez:

A primeira convidada a chegar foi uma mulher magra, alta, de olhos esbugalhados. Tinha os cabelos curtos e feições subversivas. Com a voz hesitante ela se apresentou.

- “Cecília Couto”.

- “Fique à vontade”. Eu disse mais para mim mesmo. Os outros já devem estar chegando.

Forcei um sorriso e servi um espumante de boas-vindas em uma flute de cristal.

- “É a primeira vez... que fazem isso?”, ela perguntou, entre um gole e outro. A pergunta foi expelida numa velocidade tal que era como se estivesse guardada

naquele corpinho por toda uma vida.

- “Sim... Foi por acaso. Você não faz ideia.”

(MONTES, 2016, p. 137-138)

No contexto dos personagens e de seus costumes extravagantes, pode-se perceber que há o desejo pelo inusitado, pelo novo, pela possibilidade de aplacar a inutilidade de uma vida sem sentido. Uma das passagens do livro, retomada aqui e narrada por Dante, evidencia isso: “Todos sentiam que estavam prestes a viver um grande momento, de modo que se ouvia apenas o tilintar dos talheres, o farfalhar dos guardanapos de pano e a expectativa na respiração” (MONTES, 2016, p. 141). De acordo com Weber (1922, p. 650, apud Souza, 2017, p.147), “os privilegiados não querem apenas exercer o privilégio, mas também que esse mesmo privilégio seja percebido como merecido e como um direito”.

2 DISTINÇÃO ENTRE ANTROPOFAGIA E CANIBALISMO EM *JANTAR SECRETO*

A Antropofagia ganha um caráter subjetivo e transcendental na literatura brasileira. “Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.” Esse trecho é o início do Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade. Segundo Rolnik (1998, p. 2), subjetivamente, “engolir o outro, sobretudo o outro admirado, faz com que partículas do universo desse ser se misturem às que já povoam a subjetividade do antropófago e, na química dessa mistura, se produza uma verdadeira transmutação”. Mas esse de vingança, honrada pela tradição guerreira, não é o teor. O ressentimento dos personagens se volta com os outros. Eles perderam o sentido de transcendência.

É importante distinguir antropofagia de canibalismo. Diferentemente do canibalismo, que tem o intuito de eliminar o outro, a antropofagia era guiada por outra lógica, a de assimilação cultural. (AGNOLIN, 2002). De acordo com Métraux (1950), no ritual Tupinambá, os prisioneiros capturados de outras tribos, antes de morrer, vangloriavam-se por serem mortos daquela forma. Os guerreiros vencedores permitiam que os prisioneiros dirigissem a eles o seguinte discurso: “Partimos como fazem os bravos, para prender-vos e devorar-vos, a vós, nossos inimigos. Fostes, porém, mais felizes e caímos prisioneiros. Não nos queixamos da sorte. Os valentes de verdade morrem na terra de seus inimigos” (MÉ-TRAUX, p.229, 1950).

A antropofagia retratada neste capítulo, tanto no movimento modernista, quanto no ritual tupinambá, tem caráter de continuidade, absorção e transmutação. O Movimento Antropofágico buscava absorver as artes do mundo, para criar algo próprio. O ritual antropofágico das tribos Tupinambá demonstrava respeito aos indígenas e o cerne de tudo é a preservação de sua memória, uma deglutição sagrada, a incorporação de uma entidade, materializando-se, adquirindo vida.

Entretanto, em *Jantar Secreto* não ocorre a antropofagia e, sim, o canibalismo. E no ato canibal a intenção é somente a exclusão do outro, sem preservação da memória. A nar-

rativa de Montes é desenvolvida através de um realismo brutal, uma exclusão dos pobres e marginalizados, como se fossem alvo de um projeto higienista.

É importante citar um trecho do capítulo *Canibalismo Gourmet* em que Umberto, de forma cínica, compara os jantares secretos com o ritual tupinambá. E ainda realiza um falso discurso de preocupação com a fome no planeta. Para aplacar a própria consciência ou para exibir escárnio, Umberto discursa sobre o canibalismo dos tupinambás, como ritual de apropriação da força alheia, como gesto de efeito curativo e regenerador. E ainda cria uma interpretação peculiar, que é, antes de tudo, um tipo de provocação ética: “Já pararam para pensar que o canibalismo pode ser a solução mais imediata para a fome no mundo? Por que não comer? O que mata essas pessoas de fome é esse impedimento moral de comer os semelhantes”. (MONTES, 2016, p.204-205)

Neste trecho, é visível que Umberto faz um comparativo distorcido com o ritual antropofágico Tupinambá, pois os ricos querem somente o consumo da carne humana.

Há, nesse trecho, elementos que permitem a realização de conexões com o vampirismo. Os vampiros são, tradicionalmente, retratados na literatura e no cinema como figuras nobres e nunca pessoas de classes subalternizadas. O trabalho é motivo de escárnio, por isso, os nobres se alimentam de trabalho alheio. No filme *Entrevista com o vampiro* (1994), baseado no livro de Anne Rice, o personagem Lestat de Lioncourt (Tom Cruise) é um vampiro bom *vivant*, que se alia ao jovem Louis de Pointe du Lac (Brad Pitt), apresentando-lhe um novo mundo, repleto de prazeres e alimentando-se dos humanos, reles mortais que não possuem a dádiva da vida eterna. Lestat não demonstra qualquer empatia pelos humanos e os mata sem culpa.

No caso de Montes, a alegoria é clara: pessoas abastadas, insensíveis ao sofrimento alheio, alimentam-se da vida daqueles de sua própria espécie. E como os minorizados são muitos, o canibalismo é encarado como um exercício saudável, como exclusão de excedentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta imersão no livro *Jantar Secreto* permitiu constatar que a obra de Raphael Montes é constituída de uma gama extensa de possibilidades analíticas. É uma ficção que conquista o leitor, sendo construída através de uma narrativa hiperbólica, dentro do romance policial de suspense.

Mediante a relação estabelecida entre o livro de Montes e o conceito de necropolítica, desenvolvido por Achille Mbembe, a crítica social em *Jantar Secreto* está contida na abordagem do canibalismo, entendido como uma metáfora social da higienização associada à prática da necropolítica. E nesse ponto, a obra de Mbembe contribuiu muito, principalmente, ao mostrar que o Estado (polícia) seleciona quem pode morrer e essas pessoas escolhidas são justamente aquelas que estão à margem, os invisíveis pela ótica do capital, vítimas da soberania e do necropoder. Jessé Souza também contribuiu neste estudo, com suas pesquisas pertinentes sobre a elite do atraso, a subcidadania e a ralé brasileira.

Posteriormente, realizou-se a devida distinção entre os termos Antropofagia e Ca-

nibalismo, necessária para se ressaltar a existência de uma corrente que reforça a ideia de Antropofagia como continuidade do outro, deglutição sagrada, respeito e assimilação cultural. Já o canibalismo visa simplesmente à destruição do outro, a exclusão, e é esse sentido que está muito presente na obra *Jantar Secreto*, principalmente com a metáfora social que evidencia que os ricos estão se alimentando dos pobres.

Foi proposto neste estudo mergulhar no universo literário criado por Raphael Montes, em *Jantar Secreto*. Foi uma jornada que mostra o quanto esse livro acende uma chama e evidencia, pela ótica da ficção, as sombras que existem na existência humana.

REFERÊNCIAS

- AGNOLIN, Adone. Antropofagia ritual e identidade cultural entre os Tupinambá. *Revista de Antropologia*, SÃO PAULO, USP, 2002, V. 45 nº 1.
- BUTLER, Judith. *Vida Precária*. Trad. Angelo Marcelo Vasco. Contemporânea. N. 1, p 13-33. Jan.-Jun. 2011.
- CORTELLA, Mario Sergio; FILHO, Clóvis de Barros. Ética e vergonha na cara. Campinas: Papyrus, 2014.
- ENTREVISTA com o vampiro. Direção de Neil Jordan. Los Angeles: Warner Bros, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. São Paulo: Editora Graal, 1978.
- HAN, Byung-Chul. *Topologia da Violência*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- LIMA, Luiz Costa. Antropofagia e controle do imaginário. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 1, p.62-75, jan., 1990.
- MBEMBE, Achille. *Mail & Guardian*, 22 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://mg.co.za/article/2016-12-22-00-the-age-of-humanism-is-ending/>> Acesso em: 04 de março de 2020.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo: N-1, 2018.
- MBEMBE, Achille. *Poder brutal, resistência visceral*. São Paulo: N-1, 2019.
- MÉTRAUX, A. *A religião dos tupinambás e suas relações com as demais tribos tupi-guaranis*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1950.
- MONTES, Raphael. *Jantar secreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ROLNIK, Sueli. *Esquizoanálise e antropofagia*. Publicado na França e no Brasil, respectivamente in Gilles Deleuze. *Une vie philosophique*, Alliez, Éric org. (Paris: Les empêcheurs de penser en rond, Synthélabo, 1998); pp. 463- 476 e in Gilles Deleuze. *Uma vida filosófica* (São Paulo: Editora 34, 2000); pp. 451-462. Texto apresentado no colóquio Encontros Internacionais Gilles Deleuze (Brasil, 10-14 de junho de 1996).

SANTOS, Darlan Roberto. O grotesco na era virtual: navegando na web com o barqueiro da morte. *Extraprensa/USP*, São Paulo, Ano IX, n.16, p.69-74, jan. 2015.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso*. São Paulo: Leya, 2017.

SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

SOUZA, Jessé. *Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro*. Rio de Janeiro: Leya, 2018.

VELOSO, Caetano. *Haiti*. Polygram: 1993. 5'58".

VENTURA, Zuenir. *Cidade partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

